

# ...deslocali- zar-se para uma nova substância urbana

por Marcelo Maia\*



中国内蒙古自治区鄂尔多斯市达拉特旗

**\*Marcelo Maia** Marcelo Reis Maia é Mestre e Doutor em Arquitetura e Urbanismo pela FAU-USP. Professor da Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG. E-mail: [marcelo.maia@gmail.com](mailto:marcelo.maia@gmail.com)



Talvez devêssemos atribuir ao pensamento a tarefa oposta àquela que lhe é oferecida pela filosofia iluminista: fragmentar o mundo de acordo com o diferente, em vez de universalizá-lo através do mesmo; induzir o mesmo através do diferente, em vez de deduzir o diferente a partir do mesmo. Um novo pensamento histórico-mundial precisa emergir diante do derretimento do mundo. (YUK, 2020a, p. 72)

As diferentes civilizações cristalizam respectivamente as sabedorias e as contribuições de diferentes nações e nenhuma delas é superior às outras. Diferentes civilizações devem manter diálogos e intercâmbios ao invés de tentar excluir ou substituir umas às outras. A história da humanidade é um grandioso processo de intercâmbio e aprendizado mútuos e de integração entre diferentes civilizações. Devemos respeitar todas as civilizações, tratar-nos como iguais, aprendermos uns com os outros, bem como assimilar os pontos fortes de cada um para conquistar o desenvolvimento criativo da civilização humana. (XI, 2019, p.607)

A criação de conceitos faz apelo por si mesma a uma forma futura, invoca uma nova terra e um povo que não existe ainda. (DELEUZE E GUATTARI, 1992, p. 140)

No livro *Great Leap Forward*, Rem Koolhaas consolida uma série de teses realizadas por pesquisadores da *Harvard Design School* sobre a China, criando novos conceitos. Koolhaas introduz o livro apresentando sua hipótese de que o movimento Metabolista[1], foi o primeiro movimento de vanguarda da arquitetura não ocidental[2] e o último movimento da arquitetura de interesse público que praticamente desapareceu com a chegada do neoliberalismo. Ao sugerir que o Team X e o Archigram foram os últimos movimentos reais do urbanismo e os últimos a propor novas idéias e conceitos para a organização da vida urbana, o pensador utiliza o termo “urbanismo plástico” para se

referir a uma capacidade crescente de produzir uma condição urbana livre da urbanidade. Ao deslocalizar-se para a Ásia, Koolhaas descobre na China uma outra história da arquitetura e do urbanismo, na qual ele identifica a criação de uma “nova substância urbana”, distante das doutrinas universais ocidentais. (KOOLHAAS, 2002, p.27, tradução nossa).

Nos últimos anos iniciamos um exercício cotidiano de estudar territórios pertencentes à Rota da Seda junto aos alunos da EA UFMG[3]. Aprendemos coletivamente ao percorrer georreferenciadamente a milenar Rota, que existem outros mundos, outros modos de vida, outras substâncias territoriais. Percorrer a Rota da Seda tem sido menos sobre deslocar-se e mais sobre deslocalizar-se. Deslocalizar-se do Ocidente como um exercício em busca de uma visão mais diversa, inclusiva e tolerante, fazendo conhecer outros mundos e civilizações. Deslocalizar-se pela Rota da Seda tem se tratado para nós, de criar diálogos intercivilizatórios que possivelmente será o maior desafio metodológico ocidental ao propiciar um acúmulo de pistas para novas soluções que resolvam parte da nossa crise civilizatória.

Este ensaio imagético é, portanto, parte do processo de reflexão pessoal que envolve o fato de que localizar e ser localizado não é explorar, conhecer novos lugares, outros mundos e ou civilizações. Ainda que o Google te permita abrir um mapa de Xangai, para conhecer a China é preciso estar aberto para um diálogo intersistêmico, se reconhecendo como parte de um e dialogando com o funcionamento do outro. Entender um pouco do processo de urbanização chinês, significa deslocalizar-se do sistema ocidental e buscar os rastros de novas substâncias urbanas que possibilitem criar novos conceitos e novos mundos.

Ao observar e estudar o processo de urbanização chinês, desenvolvi uma metodologia de pesquisa do território que utiliza fotos de satélite e informações georreferenciadas. O ensaio é uma amostra desta experiência traduzida em colagens de imagens do Google Maps, Google Earth, Baidu Maps e OpenStreetMap. Acompanhar as transformações registradas no histórico das fotos de satélite, para além das análises que elas possibilitam, permitiu identificar o acelerado processo de

desenvolvimento urbano chinês dos últimos vinte anos. O ensaio inclui substâncias urbanas do Nur Sultã, capital do Cazaquistão e da Nova Capital Administrativa do Egito, financiada e construída pela *China State Construction Engineering Corporation*[4], no contexto da Nova Rota da Seda (*One Belt, One Road Initiative*). Apresentamos ao todo 10 substâncias que foram identificadas nominalmente e georeferenciadas com um código QR. Nelas é possível perceber a repetição em larga escala de clusters produtivos industriais, agrícolas e energéticos, todos conectados por uma infraestrutura de canais, autopistas e ferrovias. Estas conexões se expandem no território como um rizoma, onde a vida e a técnica são uma coisa só.

Para a construção destas imagens sobre e com a Rota da Seda aqui apresentadas, partiu-se da utilização de sistemas tecnológicos de mapeamentos georreferenciados que, ao deslocalizar-se do ocidente em direção ao oriente, vai revelando imagens de satélite cada vez mais embaçadas o que evidencia a escassez de informações. Existe um desbravamento também tecnológico ao lançar-se no percurso digital por fotos de satélite sobre a Rota da Seda. Neste sentido, esta experiência de investigação tecnológica foi demonstrando aos poucos a relação da ausência de conexão das imagens entre mapas georreferenciados de origens distintas. Relaciona-se, portanto, uma enorme dificuldade tecnológica à falta de diálogos intercivilizatórios. Não basta saber onde você está - *location* - sua localização dentro de um sistema de posicionamento global (geoposicionamento), é preciso entender-se como parte de um sistema[5] para se deslocalizar. Experimentar esta deslocalização é abrir o mapa do Google na China e perceber que os mapas de navegação não coincidem com as imagens de satélite. Se optarmos por usar a base de geoposicionamento chinesa pelo Baidu, não basta saber escrever Xangai, é preciso saber que é 上海.

## Notas

**1:** Os metabolistas protestavam continuamente e ativamente contra o planejamento urbano gerado pelo CIAM, contra academias e instituições, contra o 'estático formalismo moderno de caixas quadradas'. Eles diziam estar suplantando a analogia feita pelo movimento moderno da cidade como máquina e implantando outra analogia, a da cidade como organismo vivo. A tomada da cidade como organismo vivo se associava a ideia de produção do espaço urbano expressando características da civilização de seu tempo (idéia comum à Renascença). A dinâmica da cidade era um dos pontos centrais na composição de suas macroestruturas." CAÚLA E SILVA, A. M. de. Trilogia das Utopias Urbanas: Urbanismo, HQ's e Cinema. Salvador: UFBA/Faculdade de Arquitetura/PPG-AU, 2008. p. 46-47.

**2:** Rem Koolhaas, conhecendo a origem do movimento no Great East Asia Co-Prosperity Sphere (1932-1945), identificou um processo de urbanização não ocidental, que despertou seu olhar para a China. Em 2009 ele publica o livro *Project Japan*, uma coletânea de entrevistas com os arquitetos e urbanistas do movimento metabolista que, segundo o autor, foi ignorado pelo Ocidente. É fato que o Great East Asia Co-Prosperity Sphere foi desmontado politicamente após a segunda guerra mundial. Minimizou-se o interesse público nos grandes projetos urbanos e, desde então, o Japão se abriu a parcerias público-privada no seu processo de reconstrução financiado pelo Ocidente no pós-guerra.

**3:** Desde 2020, quando criamos o grupo de estudos "Geopolítica e Território" para realizarmos estudos sobre desenvolvimento territorial com características voltadas para a infraestrutura, mobilidade e logística, assim como infraestrutura digital, o novo modo de urbanização chinesa tornou-se a principal referência para nossa investigação. Ao iniciarmos uma revisão bibliográfica que conectasse temas nacionais aos temas de desenvolvimento aos moldes chineses, percebemos que pouco material vinha sendo produzido neste sentido, já que a vertiginosa ascensão econômica, política e urbanística da China é muito recente.

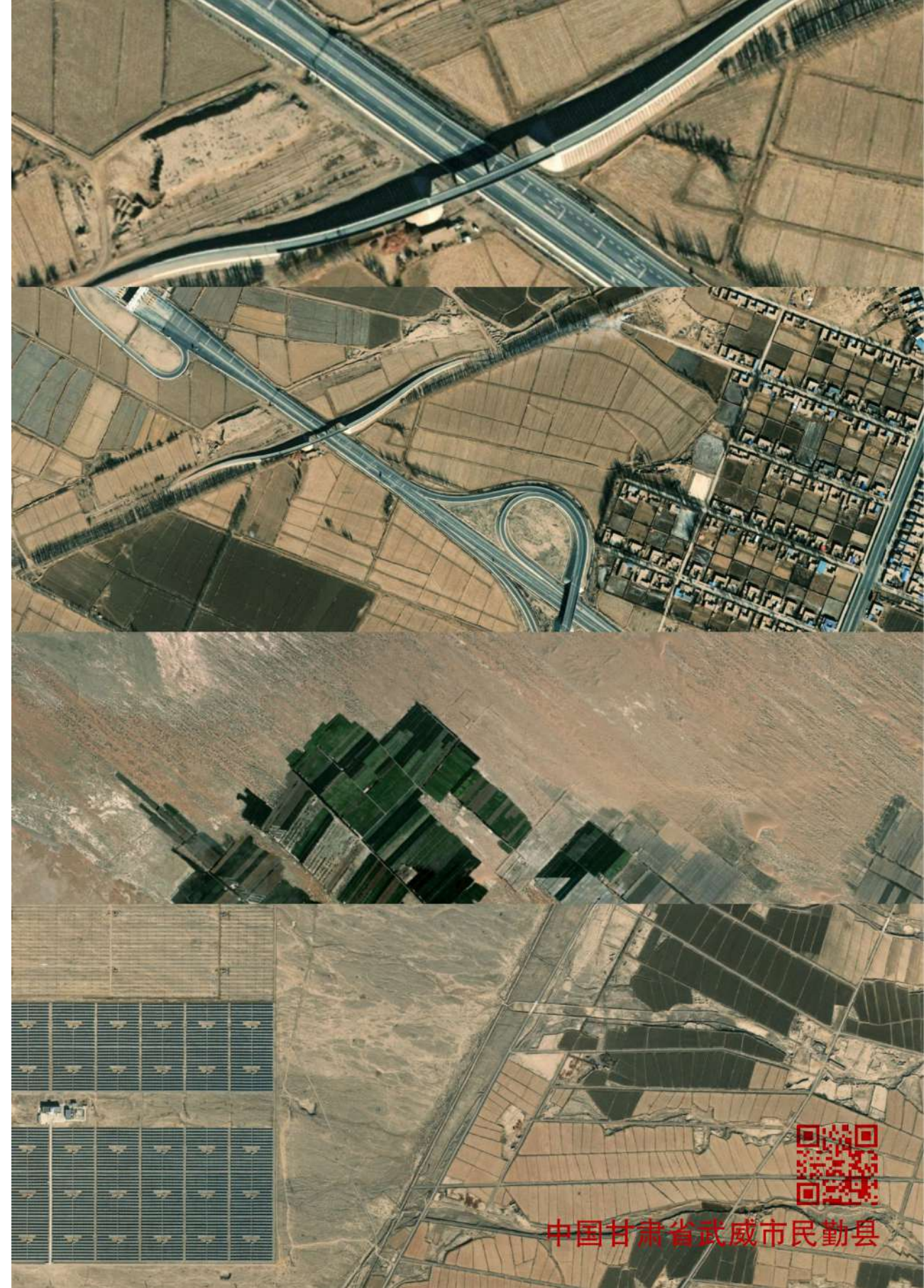
Portanto, parte da metodologia adotada para a escrita deste primeiro artigo que realizamos sobre a temática é composta



pela revisão de uma bibliografia básica, envolvendo os principais autores brasileiros que abordam o desenvolvimento com características chinesas, o que inclui, com destaque, pensadores e interlocutores cotidianos para nosso grupo de estudos, como é o caso da dupla Elias Jabbour (2020) e Javier Vadell (2021). Para complementar esta revisão bibliográfica, que vem sendo produzida em tempo real já que o jogo geopolítico global está acontecendo em ritmo ultra acelerado, decidimos incluir a produção de atividades acadêmicas como webinários e disciplinas que vem nos auxiliando a levantar fonte primária de informação sobre geopolítica envolvendo China e Eurásia como um todo. Temos construído um grande banco de dados a partir das pesquisas realizadas pelos alunos de graduação que vem nos embasando com cases reais e cotidianos envolvendo o desenvolvimento territorial na China e ao longo da Rota da Seda por toda Ásia, África, Oriente Médio e Europa. Para maiores informações, acesse o artigo “Dessincronizando o Ocidente: novos vetores de desenvolvimento do Sul”, por Marcelo Maia e Natacha Rena. Disponível em: <http://www.nomads.usp.br/virus/virus23/?sec=4&item=2&lang=pt>.

4: 中国建筑集团有限公司 (China State Construction Engineering Corporation) [www.cscec.com.cn](http://www.cscec.com.cn)

5: Dos sistemas de geoposicionamento conhecidos temos o GLONASS russo, o Galileo europeu, o BeiDou ou COMPASS chinês, o GPS americano e o Navic indiano.





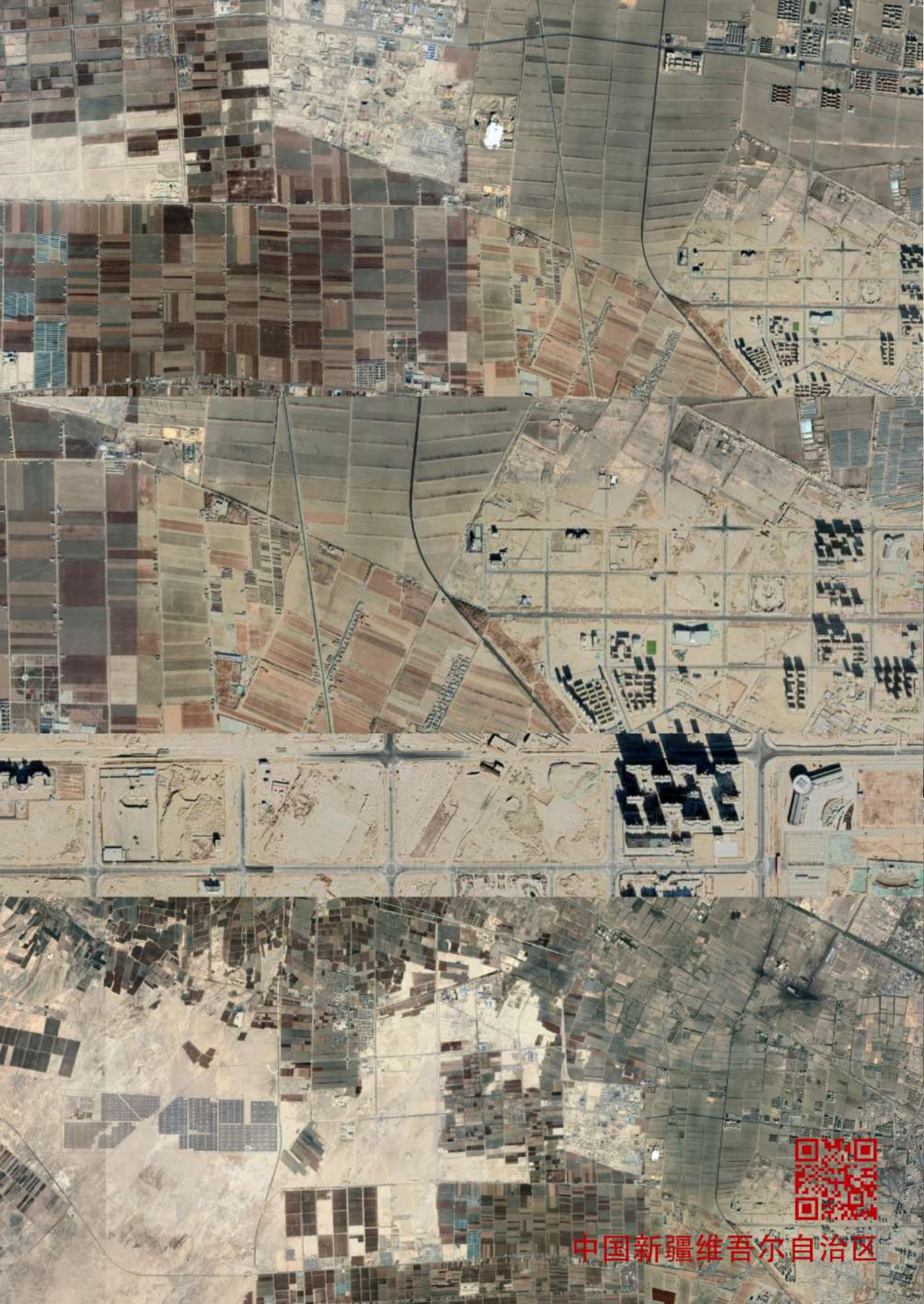


开罗省埃及



中国甘肃省酒泉市瓜州县





中国新疆维吾尔自治区



乌鲁木齐市





努尔苏丹 哈萨克斯坦



张登镇





## Referências

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O que é a filosofia?** São Paulo: Editora 34, 1992.

KOOLHAAS, R. **Great Leap: Harvard Design School Project on the City.** Köln: Taschen, 2002.

MAIA, M. R.; RENA, N. S. A. **Dessincronizado o Ocidente: novos vetores de desenvolvimento do Sul.** V!RUS n. 23, 2021. [online]. Disponível em: <<http://www.nomads.usp.br/virus/virus23/?sec=4&item=2&lang=pt>>. Acesso em: 28 Dez. 2021.

XI, J. **A governança da China II.** Rio de Janeiro: Contraponto, 2019.

YUK, H. **Tecnodiversidade.** São Paulo: Ubu Editora, 2020.